

Preço avulso — 20 réis



Redacção e Administração — Largo do Conde Barão, 50, 2.<sup>o</sup>

ASSIGNATURAS

LISBOA — Série de 15 numeros . . . . . 300 rs.  
FÓRA DE LISBOA — Série de 15 numeros 400 rs.

LISBOA

10 de novembro de 1904

Editor: THOMAZ RODRIGUES MATHIAS

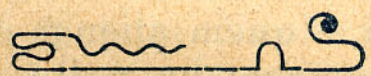
Composição e Impressão na Typographia d'«A EDITORA»  
Largo do Conde Barão, 50

✧ Individualidades Artísticas ✧

Jane Hading

Este jornal interrompe hoje a galeria dos artistas portuguezes para publicar o retrato de Jane Hading, uma das mais importantes individualidades artísticas estrangeiras, que em breves dias o nosso publico terá occasião de admirar no elegante theatro D. Amelia, que, sendo uma das mais modernas casas de espectaculos da capital, tem apresentado até aqui, e em grande numero, as primeiras notabilidades artísticas estrangeiras e onde successivamente o publico poderá admirar summidades como Le Bargy, Mounet Sully, Grand, Polin e Paulette Darty.

Não caberia nas dimensões d'este jornal uma ligeira biographia sequer da artista que como Jane Hading, pelo seu extraordinario talento, se tem imposto á admiração geral. Por isso *O Grande Elias* se limita a publicar o seu retrato, dando-lhe com todo o enthusiasmo as boas vindas e se curva reverente perante um dos maiores e mais fulgurantes vultos da Arte.



Primeiras representações

Theatro D. Amelia

*Gilberta*, comedia em tres actos, original de Hennequin e Billaud, traducção do sr. Cunha e Costa

Tem-se por vezes injuriado o gosto e a intelligencia do nosso publico, negando-lhe a competencia de voto em questões de theatro, e attribuindo-lhe a predilecção por um certo numero de peças, predilecção que, dizem, o leva a escutar com a maior indifferença peças cheias de belleza dramaticas, enquanto que outras onde apenas predomina o falso, o absurdo e a immoralidade, são por elle ouvidas e applaudidas com o mais fervoroso enthusiasmo.

Se, como affirmam, isto tem succedido por vezes, digamos em abono da verdade que na noite de

segunda feira o nosso publico quiz resgatar-se da mácula de que o acoimavam e mostrou-se talvez incoherente consigo mesmo, mas em todo o caso sensato e justiceiro.

A peça só teve algumas demonstrações de desagrado no final do primeiro acto, mas a quasi indifferença com que os seguintes foram recebidos bem claro demonstrou a pouca consideração que a plateia lhe ligava e a frieza com que recebia aquelle



Jane Hading

espectaculo que verdadeiramente não era digno de melhor sorte.

Não faremos aqui uma critica minuciosa da *Gilberta*. Além de que era ardua tarefa, a peça não o merece. Limitar-nos-hemos apenas a umas considerações geraes para dar aos nossos leitores uma idéa do que ella é.

Não representa novidade o assumpto de que trata porque a peça é toda feita sobre a já muito explorada lei do divoreio, que tem sido cantada

em todos os tons e aproveitada por todos os paladares; por isso, não admira que o publico tivesse assistido sem interesse áquelle desencadear de scenas de uma escabrosidade que arripia, e, por que passa a existencia da heroína da peça, a quem no ultimo acto vê sahir com a mesma indifferença com que no primeiro a viu entrar. Todas as personagens alli parecem sentir uma influencia glacial que as não deixa ter na devida energia os sentimentos que pretendem manifestar.

*Achilles Chateau-Laplanche* (Augusto Rosa) sabendo-se enganado por sua mulher *Gilberta* (Lucilia Simões) divorcia-se. Ella casa com o amante *Antonio Bois-Gibert* (Henrique Alves) que era amigo do primeiro marido, e este para se vingar, trata depois de reconquistar a mulher, conseguindo vêr coroada de bom exito a sua empreza.

Tal é, em poucas palavras, o eixo em que se desenvolve a acção da peça em que se arrastam os tres actos por vezes cheios de situações criticas bem achadas e que chegam a fazer a um tempo rir e ruborizar pela immoralidade das scenas, immoralidade que não se limita em fazer vêr ao espectador actos menos decorosos, mas que lhe ensina e quasi aconselha, com uma naturalidade repugnante, a melhor fórma de os praticar.

A traducção não é um primor, mas é em todo o caso bastante correcta, e por isso mesmo mais digna de ser empregada em melhor obra. Lastimamos de véras que o não fosse, hoje que as melhores composições estrangeiras passam entre nós mascaradas n'umas traducções detestaveis, que desfiguram a tal ponto os originaes, que cremos que nem os proprios auctores reconheceriam as suas obras se as vissem cobertas com aquelles andrajos repellentes.

Falemos do desempenho.

Augusto Rosa é sem contestação um brilhante talento, uma vocação robusta, e o seu longo tirocinio artistico é entrecortado de laureis que só o genio sabe conquistar. Foi, como não podia deixar de ser, muito bem.

Henrique Alves, um artista relativamente novo, mas que sabe applicar muitissimo bem a sua intelligencia, vae conquistando dia a dia fóros de actor de primeira plana. O seu trabalho na *Gilberta* é realmente soberbo, porque não recorre a exaggeros desarrazoados e mostra

em todas as scenas e imperturbavelmente a flexibilidade de caracter que o auctor certamente quiz imprimir áquelle predestinado *Bois-Gibert*. São justas todas as manifestações de apreço que se lhe tributem, assim como a Lucilia Simões, a brilhante estrella d'este theatro, que se n'esta peça não conseguiu desluzbrar o publico com a mesma primorosa interpretação que elle está habituado vêr esta actriz imprimir a todas as personagens, foi unica e simplesmente porque o papel



de *Gilberta* se não coaduna com o seu feitio artistico. Fel-o em todo o caso com muita correcção e finura.

Em pequenas rabulas, entraram mais Laura Cruz, Maria Pia, Elvira Costa, Julia Moniz, Estephania, Adelaide Simões, Julia de Assumpção, Cecilia Neves, Alvaro Cabral, Francisco Senna, Carlos de Oliveira, João Gil, Rafael Marques, Mario Velloso e A. Silva, esforçando-se todos, nos limites das suas forças, para tornarem o conjunto unido e harmonico.

O theatro estava completamente cheio.

### Theatro Avenida

*Fausto o Petiz*, opera buffa em tres actos e quatro quadros, de Heitor Crémieux e Jayme Fil, traducção de Aristides Abranches, com musica de Hervé.

Souza Bastos, o intelligente empresario que hoje se acha á frente d'esta casa de espectaculos, fez pôr em scena hontem pela primeira vez o *Fausto o Petiz*, que já fez larga carreira e teve bella acolhida quando ha annos se representou no theatro da Trindade. A peça é muito infantil, convimos, mas é graciosa e tem sobretudo uma musica inspiradissima, alegre e que agrada logo ao ouvido do espectador.

A primeira representação do *Fausto o Petiz* chamou áquelle theatro uma farta e selecta concorrência, não só por se tratar da exhibição de uma peça já consagrada, mas tambem e muito principalmente para assistir á estreia de Etelvina Serra, a novel artista que brilhantemente concluiu os cursos da escola dramatica e de canto no Real Conservatorio de Lisboa.

Apesar de recahirem n'ella hontem todas as atenções, e o publico, julgamos nós, se ter convencido de que estava ouvindo uma notabilidade artistica de primeira grandeza, não nos deixamos nós arrastar n'essa corrente, e não vamos apontar em primeiro logar as qualidades e defeitos que lhe encontramos, sem falarmos primeiro, dando-lhe o logar de honra a que incontestavelmente tem direito, a respeito de Palmyra Bastos, que tem no graciosissimo *travesti* de *Mephistó* seguramente um dos seus melhores papeis. Isto sem querermos estabelecer confrontos.

Poucas artistas poderão egualal-a porque ella encerra em si qualidades, talentos e condições, que raras vezes se conseguem vêr reunidas n'um só corpo.

Couberam-lhe hontem as honras da noite com o desempenho que deu á sua personagem.

Etelvina Serra tem o que vulgarmente se diz um fio de voz, de timbre agradável e afinado, mas de pouco volume e extensão. Essa pouca voz não é perfeitamente crystallina, e só adquire esta propriedade quando tem de atacar as notas agudas. Não admira portanto que nos agradasse mais ouvir-a declamar do que cantar porque declama com suavidade, é sobria em gestos e reconhece-se que o seu estudo aturado lhe permite estar mais senhora de si declamando do que cantando. Etelvina Serra é como que uma preciosa figurinha de Saxe, um delicado *biblot* que deve dar sempre muito bem Margaridas e ingenuas ligeiras, mas que estamos certos nunca poderá dar bem ingenuas dramaticas. Tem qualidades muito apreciaveis e estamos certos que quando perder mais a timidez que hontem lhe notámos, timidez aliás muito natural em quem pela primeira vez se apresenta em publico, e perante um publico que ella bem sabia ir alli mais para a julgar, ha de progredir e salientar-se porque outras com muito menos recursos o teem conseguido.

Antonio Sá, que se encarregou da parte de *Fausto*, pareceu-nos por vezes hesitante e que se não achava á vontade no papel. Em todo o caso, fez o mais que poude assim como Alfredo de Carvalho que no seu pequeno papel de *Valentim* conseguiu, com o seu feitio e as suas facecias, que o publico o applaudisse com alegria.

Em pequenas rabulas agradaram Leonor Faria, Roldão e Amaral, principalmente a primeira em quem nos parece reunirem-se qualidades de merecimento e boa disposição para a scena.

O grupo das quatro *cocottes* foi feito com graciosidade e malicia por Auzenda, Emma Rodovalho, Emilia Sarmiento e Lucinda.

Resta-nos dizer que a peça está posta em scena com grande brilhantismo, e que o guarda-roupa, de Castello Branco, é, além de rico, muito vistoso.

O que porém se salienta mais em toda a peça é a direcção musical, a cargo do intelligente e habil maestro Capitani, elemento importantissimo da actual companhia do Avenida.

E' preciso dispôr de grandes conhecimentos da sua profissão e de uma vontade de ferro, para conseguir arrancar da orchestra e dos côros os effeitos que elle com tão apparente facilidade consegue.

Aqui lhe fica consignado o nosso applauso, assim como a todos os artistas que contribuíram para o harmonioso conjunto que encontrámos no *Fausto o Petiz*.

Para o ensaio geral, que se realizou ante-hontem, recebemos n'esta redacção amaveis convites do sr. Souza Bastos, a quem aqui agradecemos tal gentileza.

H. T.

### Theatro do Principe Real

*Os paes*, peça em cinco actos e seis quadros, de Alexandre Dumas, traducção do sr. João Soller

Deu-se na terça feira, n'este theatro, a primeira representação da peça *Os paes*, que como entreecho é a reedição do filho prodigo, n'este caso dissipador tambem, falsificador de assignaturas, com as quaes consegue arruinar os paes que o procuram em Paris, deixando a sua provincia para irem despedir-se do filho, que exgotados os meios de lhes apanhar dinheiro, lhe tem escripto a preve-nil-os de que vae partir para Africa á procura de fortuna, como medico que diz ser, para, accrescenta, lhes poder pagar quanto elles lhe haviam adeantado.

Os paes, chegando de surpresa á capital, soffrem todas as decepções e são obrigados a pagar com toda a sua fortuna as extravagancias que o filho tem feito e são representadas pelo jogo, mulheres, ceias, etc.

Uma criada da amante do filho illucida-os a respeito do viver de *João Matheus* (Froes) e convidando-os a sahir da casa d'aquella quando os paes o visitam julgando estarem na casa d'elle.

D'ahi por deante a ruina, a miseria e a fome, de que um outro criado (Gomes), este por sua vez grato aos favores recebidos pelo pae e mãe Matheus, os soccorre.

Assim decorrem os quatro primeiros quadros, havendo no final d'este e nos seguintes as scenas capitais da peça, o encontro do filho pelos paes quando estes luctam pela vida carregando e vendendo cafés e sopas no mercado e aquelle sae pela madrugada de um restaurante como grande senhor, com a sua amante e alguns amigos.

No quinto quadro ha a scena da irmã que um companheiro das orgias do irmão pretende seduzir, ao que *Luiza* (Emilia Silva Pereira) mostra acce-der para ir arrancar o irmão á vida desregada que leva, o que consegue depois de ter com elle uma das melhores, se não a melhor scena da peça; e no sexto quadro ha a volta do filho que, arrastado pela irmã, vem junto ao leito da mãe (Maria das Dôres), quasi morta pelos desgostos que o filho lhe tem dado.

Ha n'esta altura, com a interferencia de um medico amigo (Raposo) e de um criado, a approximação do filho que promete aos paes regenerar-se, e assim termina a peça.

Do desempenho agradaram-nos em primeiro plano Maria das Dôres, Luciano e Gomes, em segundo e por sua ordem, Santos Mello, Froes e Emilia Silva Pereira.

D'estes, Luciano deu-nos a impressão de pouco saber do seu papel, o que ainda assim não o prejudica e sabemos se não dava; Froes e Emilia Silva Pereira, que até aqui não tinham trabalhado em peças dramaticas, demonstraram valor, e ao lado de um bom ensaiador como é José Ricardo podem caminhar, pois houve scenas em que foram felizes, como a do final do quinto quadro e a do sexto junto á cama da mãe; n'esta, só em parte.

A peça tem dois numeros de musica que nada adeantam ao valor do distincto musico que é Filipe Duarte, e uma scena de Eduardo Reis que produz effeito e melhor poderia dar se a luz tivesse sido afinada.

José Ricardo ensaiou e poz a peça em scena com o cuidado que lhe merecem todos os trabalhos de que se incumbem.

Puck.

*Nota da redacção.* — Na impossibilidade de podermos assistir á primeira representação do drama *Os paes*, pedimos a um nosso amigo, que costuma assignar os seus escriptos com o pseudonymo *Puck*, a fineza de nos enviar as suas impressões criticas a respeito da peça. Muito agradecemos o favor que nos dispensou.

Quaes são os empregados theatraes mais *desregados*?

— São os *contra-regras*.

## A' «Folha da Noite», do Porto

Um simples acaso fez com que nos viesse parar ás mãos um numero d'este conceituado jornal portuense, onde com o titulo *Lisboa artistica* se nos deparou uma bella chronica theatral firmada pelo sr. Carrasco Guerra, e na qual vimos uma allusão, que, modestia á parte, se nos afigura ser feita ao nosso jornal e a quem geralmente assigna as criticas que se referem ás primeiras representações.

Antes de mais nada, cumpre-nos dizer que é com grande pesar que não costumamos vêr a *Folha da Noite*, pesar que ainda agora se tornou maior, por n'elle vermos que costuma publicar desenvolvidas chronicas artisticas, o que sempre lemos com avidez, tanto mais quando essas criticas são firmadas por um cavalheiro, que apesar de nem de vista termos o gosto de conhecer, admiramos pela sinceridade e justiça que emprega nos seus escriptos.

Mas, vamos ao caso.

A proposito da comedia *Rosinha* que o sr. Carrasco Guerra diz ser um acto insulso e tolo, o que concorda perfeitamente com o que sobre o mesmo assumpto escrevemos no nosso jornal de 6 do mez passado, diz o referido cavalheiro que se estreitou a actriz Judith Garcez, a quem menos lisonjeiramente se refere, fazendo uma apreciação talvez justa, mas devéras aspera, e termina por queixar-se de que *«logo no dia seguinte varias folhas da capital desataram em dithyrambos espaventosos que pespegavam como chavão maximo, que era bonita, muito bonita mesmo. E até um jornal que se dedica a coisas de theatro e onde costuma assignar a quem de bom juizo e independencia, se esqueceu de confessar o resto, limitando-se a palavras de saudação.»*

Permitta o illustre chronista que lhe digamos que errou duas vezes. Primeiro em chamar á novel actriz Judith Garcez, quando o seu verdadeiro nome é Judith de Mello: segundo, em suppôr que nós nos deixámos arrastar pelos encantos da actriz, a tal ponto, que lhe não encontrámos os defeitos que realmente tem.

Mas... *errare humanum est*.

Se não atacámos e trouxemos logo a publico o que de mau encontrámos em Judith de Mello, foi unica e simplesmente por não acharmos generoso da nossa parte ir logo relatar más impressões e apontar defeitos a uma artista que pela primeira vez se apresentava em publico, quando de mais a mais essa artista é diplomada com o curso do Conservatorio. Desfazer illusões e cortar o vôo a quem começa, certamente com boa vontade e com o manifesto desejo de agradar, parece-nos um tanto barbaro. Foi portanto que, pensando assim, nos limitámos a enaltecer o seu lado physico, guardando para outra occasião o que houvessemos a dizer sobre o seu valor artistico. Isto mesmo frizámos dizendo a seu respeito: *«Não é n'uma primeira representação que podemos fazer um juizo seguro do seu valor. Precisamos vê-la e ouvi-la mais vezes.»*

Esperamos que com a sinceridade que empregamos no que acabamos de escrever em legitima defeza, o brilhante chronista da *Folha da Noite* modificará a má impressão com que parece ter ficado a nosso respeito e voltará a convencer-se de que as nossas criticas sempre foram e continuarão a ser feitas com perfeita independencia, porque nem a amizade nos cega a ponto de escrevermos contra a nossa consciencia. Corrobora o que affirmamos agora no caso presente o facto de nem conhecermos Judith de Mello, a quem apenas de longe vimos no palco do Gymnasio na noite da primeira representação da *Rosinha*.

Resta-nos agradecer ao sr. Carrasco Guerra a fórma delicada por que se nos dirige, e pedir-lhe desculpa d'este arrazoado, se acaso o jornal e o *alguem* a que se refere não era, como suppozemos, *O Grande Elias*.



MOVIMENTO THEATRAL

O sr. Penha Coutinho entregou á empresa do theatro do Gymnasio uma comedia original em tres actos.

\* O actor Mattos, que amanhã deve regressar do Brasil, reaparecerá no theatro da Trindade, no **Boccacio** que já está em ensaios, e em que



tomam parte mais os seguintes artistas: Amelia Barros, Dolores Rentini, Georgina Cardoso, Queiroz, Correia, Gomes, Gabriel, Vasconcellos e Paiva.

\*\*\* Foi escripturado para o theatro de D. Maria II o estimado actor Ignacio Peixoto, o artista correcto e intelligente a quem o theatro do Gymnasio deve muitas creações notaveis do seu repertorio. No theatro normal, onde em breve teremos occasião de o vêr, certamente continuará, como até aqui, a impor-se á admiração do publico pela finura e perfeita correcção dos seus trabalhos.

Ignacio deve debutar n'um dos papeis da **Lua de mel**.

\*\*\* Mercedes Blasco, a intelligente e talentosa actriz tão querida do nosso publico e a quem uma enfermidade obrigou a ficar de cama durante algum tempo, já entrou em franca convalescença, recomeçando tambem já com os ensaios da magica **Cem mil diamantes**, cuja primeira representação está annunciada para muito breve no theatro da Rua dos Condes.

\*\*\* E' depois de amanhã que no theatro normal teremos a primeira representação da **Pedra de toque**, a empolgante peça de Augier e Sandeau, traduzida pelo nosso presado amigo e collega sr. Mello Barreto.

\*\*\* Damos a seguir a distribuição da comedia original de *Esculapio*, **Grande e horrivel crime**, em ensaios no theatro do Gymnasio:

*Gertrudes*, Jesuina Marques; *Rosaria*, Virginia Farrusca; *Beatriz*, Palmyra Torres; *Marianna*, Palmyra Ferreira; *Ambrosio*, Joaquim d'Almeida; *Felicio*, Cardoso; *Simplicio*, Alegrim; *O chefe Romualdo*, Alexandre Ferreira; *O agente Fernandes*, H. Albuquerque; *O agente José Maria*, Pereira; *Chico*, Raul Soares; *Seraphim Gomes*, Pedro.

\*\*\* E' na noite de 5 do proximo mez que com a reprise da **Preta do mexilhão** faz o seu beneficio o estimado actor do theatro da Trindade, Almeida Cruz.

\*\*\* Damos os titulos dos quadros do segundo acto da revista **Raios X**, original dos nossos presados amigos e collegas *Caracoles* e *Esculapio*:

*A dois tostões a linha*; *O balão do Ferramenta*; *O jardim da Politica*; *Guerra em tempo de paz*.

O scenario é todo novo, pintado pelo scenographo José d'Almeida, e já está concluida a primeira scena que é passada na praça Luiz de Camões.

A commère da revista, que é a *Padeira de Aljubarrota*, é desempenhada pela actriz Thereza Mattos.

\*\*\* Com a **Magda**, realisam hoje o seu beneficio no theatro D. Amelia a actriz Julia Moniz e o ponto Candido Gualdino, a primeira, artista de reconhecidos merecimentos, e o segundo, um bello rapaz, espirito trabalhador e intelligente.

Desejamos-lhes muitas felicidades.

\*\*\* Com a comedia **Os amores de um conselheiro** realisou-se ante-hontem uma recita dedicada pela empresa do theatro do Gymnasio ao sr. Tavares de Mello, auctor da referida peça, que n'essa noite voltou a receber fartos applausos do numeroso publico que completamente enchia o theatro.

\*\*\* No theatro D. Amelia já entrou em ensaios a peça em cinco actos **A Clareira**, de Maurice Donnay e Lucien Descaves, traducção de Celia Roma.

\*\*\* Na peça **Pedra de toque**, que depois de amanhã deve subir pela primeira vez á scena no theatro de D. Maria II, os principaes papeis foram confiados a Ferreira da Silva, Joaquim Costa, Luiz Pinto, Cardoso Galvão, Pinto de Campos, Sampaio, Cecília Machado, Beatriz Rente e Jesuina Motili Moniz, esta ultima alumna laureada do Conservatorio e que pela primeira vez se apresenta em publico, fazendo o papel de uma das ingenuas da peça.

\*\*\* No theatro do Rato entra brevemente em ensaios uma nova revista original do sr. Baptista Diniz, que tem por titulo **O livro prohibido**, a qual nos diz pessoa que assistiu á leitura da mesma ser um dos melhores trabalhos do fecundo e popular escriptor.

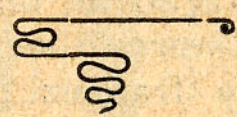
Além do primitivo compadre, que era *O barão de Catanea*, figuram mais *A padeira de Aljubarrota* e *O Terror*, estes dois ultimos tambem escolhidos pelos auctores das revistas **Raios X** e **Beijos de burro** para os seus novos trabalhos.

\*\*\* Transcrevemos sem commentarios, do nosso illustre collega *Jornal do Commercio*, a informação seguinte:

«Dizem que na ultima reunião do conselho dramatico houve alguma coisa de excepcionalmente burlesco com a vaga proposta, favorecida por varios membros, da introducção na primeira classe

do theatro de D. Maria de uma actriz muito viva e loquaz que promove as delicias dos frequentadores do Gymnasio.

«A coisa, na verdade escandalosa, não passou, mercê da opposição tesa de dois rapazes...»



## Julia Moniz

Uma actriz modesta, mas que tem realmente valor. E' longa a lista das peças em que tem representado, sempre a contento do publico.

Do theatro Taborda, onde se estreou como amadora, foi contractada por Affonso Taveira para o Porto, onde entrou em diversas peças, mostrando boas aptidões para a scena.

De volta dos Açores, onde fôra tambem com Taveira, veiu para o theatro do Gymnasio e alli es-



Julia Moniz

teve durante seis épocas, entrando nas peças *Comissario de Policia*, *Zaragueta*, *Fernando o Felizardo*, *Por Santa Barbara*, etc.

Na companhia de Lucilia Simões, no theatro D. Amelia, fez o *Demi-monde*, *Francillon* e *Sr. director*.

Foi tambem n'uma companhia para o Brasil, onde entrou nas peças *Zázá*, *Coralí*, *Os velhos* e outras mais, demonstrando sempre muito gosto e vontade de estudar.

Julia Moniz, que se encontra actualmente escripturada no theatro D. Amelia, realisa hoje o seu beneficio. Os seus admiradores lá irão applaudil-a, como realmente merece, porque é uma actriz conscienciosa e que já tem um bom logar no theatro portuguez.

## Alfredo Soller

Recebemos hontem a triste noticia do fallecimento de Alfredo Soller cuja vida artistica theatroal foi longa. Assim, Soller foi corista em D. Maria e Gymnasio, e depois ponto e actor na Rua dos Condes, tendo debutado na *Restauração de Portugal*. Nas Variedades foi tambem ponto, e n'uma *tournee* aos Açores foi encorporado como actor. O extinto era filho da grande actriz Josepha Soller.

O nosso collega d'O Dia, sr. Santos Tavares, amigo do extinto, dedicou-lhe n'aquelle jornal as linhas que seguem:

«Temos ainda aqui sobre a nossa mesa a ultima carta que nos escreveu Alfredo Soller, ha tres dias, e em que referia o seu melindroso estado de saude,

e vagamente, entre palavras de dolorida magua, uma esperança ainda de dias melhores, em que regressasse de novo á sua vida de trabalhador; mas a morte, implacavelmente, crestou todas essas esperanças e elle extinguiu-se hoje de manhã, rodeado da familia que o viu assim desaparecer do seu convivio que era sempre alegre e bom.

Alfredo Soller morre com perto de 60 annos, e ninguem tão jovial como elle, tão cheio de candido enternecimento pelos seus amigos, que muitos eramos, porque o extinto foi sempre um bom, um santo homem.

Dedicado a coisas de theatro, Soller foi actor, escreveu e traduziu peças, e ultimamente o seu nome de ensaiador vinculára-se a uma serie de empresas theatraes onde prestava os seus bons serviços.

Soller, magro, baixo, com seu aspecto triste, era no entanto um resistente e um espirito alegre. Aparecia quasi todas as noites alli no *Suisso*, ao cavaco; rodeavam-n'o actores, artistas, e faziam-se *blagues*, e a gente chamava-lhe, pelo tom amigo dos seus conselhos, pelos seus cabellos brancos, nevados nas batalhas da vida, o *Pae Soller*. Elle ria, bebia a pequenos goles o seu café, e uma noite que, como de costume, o esperavamos, recebemos a noticia de que o atacara uma pneumonia. Escreveu-nos varias vezes, noticias suas tinhamol-as todos os dias, mas apesar das esperanças adivinhadas nas cartas, alguém que hoje muito o chora e pranteia, pela parte affectiva e carinhosa que tomou na sua vida, companheira antiga do lar, vindo trazer-nos a esta redacção informações do amigo, disse-nos:

— O Alfredo está muito mal. Os medicos desenganaram-me.

Depois, já na convalescença da pneumonia, uma antiga e pertinaz enfermidade do fígado redobra de symptomas, o doente queixa-se mais e mais, e hoje expira. Infeliz amigo, que a infinita bondade compense no socego em que a tua alma entrou, as grandes maguas que na vida soffreste.»

## Instantaneos theatraes

Invento photographico do «Grande Elias»

12.º cliché

E' pequena de estatura, mas é grande em vocação para a scena, onde fulgura como estrella de luz pura de vivaz constellação.

Não é linda... é só bonita, no retrato que estão vendo; mas o palco, onde ella agita a figura pequenita, mais formosa a vae fazendo.

Foi um Principe Real seu tutor, em tempo antigo, que a deixava, por signal, *engeitada*, sem casal, pobre *Rosa*, sem abrigo!

Hoje tem o acolhimento de bons paes; é festejada; e já faço juramento que quem tem tanto talento não será nunca *engeitada*.

A. G.

\* \*

No *Instantaneo* do numero anterior sahio errada a terceira quintilha que reproduzimos, pedindo desculpa ao seu illustre auctor do involuntario erro:

N'este retrato estão vendo que, na comedia, este artista, se nos encanta, dizendo, tambem merece, escrevendo, os louros que nos conquista.

Porque é que o actor não deve gostar de *apurar* as peças?

— Porque não ha ninguem que goste de *se vêr* em *apuros*.



## Associação dos Empregados no Commercio e Industria

Esta brilhante associação festejou no domingo passado o seu 50.º anniversario de um modo realmente magnifico.

De manhã os corpos gerentes, a comissão executiva da commemoração e muitos socios foram, em piedosa ronagem, ao cemiterio dos Prazeres depôr uma corôa no jazigo do seu primeiro presidente da assembléa geral, o commerciante Antonio José Ferreira Serzedello.

A' noite realisou-se uma sessão solemne na sala *Portugal* da Sociedade de Geographia, presidindo o sr. Vicente d'Almeida d'Eça, que é tambem presidente da mesma Sociedade.

Falaram diversos oradores, entre elles os srs. drs. Theophilo Braga, Zepherino Candido e Manuel de Arriaga, sendo todos muito applaudidos.

A sessão encerrou-se á meia noite e meia hora, sendo tocado pela tuna o hymno da Associação.

Agradecemos a gentileza do convite.



### Club Simões Carneiro

Habituaados infelizmente como estamos desde ha muito a vêr reviver nos palcos particulares o repertorio dos nossos theatros publicos, assumpto

este que tantas vezes aqui temos condemnado e apontado como uma falta de orientação da parte dos differentes clubs de amadores, foi com verdadeiro interesse que no passado domingo nos dirigimos ao Club Simões Carneiro, porque o programma da recita alli realisada nos annunciava a primeira representação de uma comedia em dois actos intitulada *Empresta-me tua mulher*, traduzida livremente do francez pelo sr. Arcadio de Menezes, que até aqui conheciamos apenas como um dos mais entusiastas amadores dramaticos.

Havia portanto a excitar a nossa curiosidade não só a novidade da comedia, como tambem o desejo de podermos apreciar o trabalho do traductor, e, antes de mais nada, diremos que toda a peça, que não conseguimos ouvir em boas condições, se nos affigurou muito regularmente traduzida, n'uma linguagem muito portugueza, muito corrente, prejudicada apenas por uns defeitos, pequenos em phrase, mas enormes no sentido, defeitos que com facilidade o traductor pôde corrigir, porque quem traduziu a comedia toda com tal facilidade, não encontrará obstaculos para reparar os *senões* que notámos e que certamente elle proprio já reconheceu.

O sr. Arcadio de Menezes foi applaudidissimo ao findar a comedia, applausos a que com grande prazer nos associámos e que gostosamente aqui lhe deixamos consignados.

A comedia tem graça, situações bem achadas, mas é das taes que decorrida a primeira scena, o espectador fica sabendo logo qual é o desfecho que tem.

O desempenho foi correctissimo, principalmente por parte dos amadores, sentindo nós não podermos dar d'esta vez o primeiro logar ás amadoras, que, antes que não fosse por mais nada, mas por serem senhoras, deviam ter a primazia.

N'esta comedia tomaram parte as sr.<sup>as</sup> D. Maria

Pereira, D. F. S., D. Andreolina Costa e os srs. Arcadio de Menezes, Amilcar Do-Inso, José Cardoso e Julio de Souza.

N'uma pequena rabula, salientou-se poderosamente o sr. Amilcar Do-Inso que nos deu um typo ultra-comico, muito bem estudado e que sempre manteve sem o mais pequeno desfalecimento. Muito bem.

Completando o espectáculo, ainda se representou a comedia em um acto *Quem tem medo...* á qual já não pudemos assistir, mas que, tendo por interpretes quasi que os mesmos amadores da primeira, certamente muito devia ter agradado.

O trabalho de encenação, a cargo do sr. Frederico Homem, bom como sempre.

A' direcção do Club Simões Carneiro agradecemos a gentileza do seu convite, e felicitamol-a tambem pela orientação tomada na escolha das peças que faz pôr em scena.

### Lisboa-Club

No domingo, 6, effectuou-se n'este elegante club uma recita promovida pela direcção e desempenhada pelo grupo dramatico do mesmo club. O espectáculo constou da comedia *Inglez e Francez*, um acto de *Folies Bergères*, e a comedia *Os dois estroinas*. O limitado espaço de que dispomos não nos permite dar mais desenvolvida noticia de tão sympathica festa, que nos deixou as mais agradáveis impressões.

Todos os amadores foram applaudidos com inteira justiça.

Agradecemos o convite.

Qual é a terra de Portugal em que os actores entram mais vezes em scena?

— E' Condeixa (*com deixa*).

FABRICA NACIONAL **PAPEIS PINTADOS**  
DE **DIAS TEIXEIRA & C.<sup>o</sup>**  
Papeis pintados para forrar casas, papeis mates, (cou-chés) e lustro, etc., para Lithographia, Typographia, Photogravura, Encadernação, Cartonagens, etc.  
Depositos para venda a retalho: **José Narciso d'Aguar & C.<sup>a</sup> (F.<sup>os</sup>)**, 13, Avenida da Liberdade, 17; **José Miguel dos Santos em C.<sup>ia</sup>**, 102, Rua Nova do Almada, 104.  
DEPOSITO GERAL E ESCRITORIO  
**25. RUA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 27 — LISBOA**

FABRICA NACIONAL  
DE  
**= Tintas typo-lithographicas**  
**CANDIDO AUGUSTO DA COSTA**  
DEPOSITO  
**Rua Ivens, 70 — LISBOA**

**Lanternas** Para illuminação de estabelecimentos. — 2\$000 réis por mez, incluindo gaz, manga, lanterna e comola.  
Pedidos á  
**SOCIÉTÉ ANONYME D'ECLAIRAGE INTENSIF**  
Rua do Crucifixo, 116 — Lisboa

DA  
**LIVRARIA ECONOMICA**  
a collecção theatral, variadissima e comica, é a maior de Portugal.  
Em livros de medicina com bella parte anatomica, ha lá verdadeira mina, na **LIVRARIA ECONOMICA**.  
E, nos de chimica, então, podem ler bem que a noz vomica dá venenosa poção... na **LIVRARIA ECONOMICA**.  
Em França ha grande catalogo do que é sciencia astronomica; pois cá se encontra outro analogo, na **LIVRARIA ECONOMICA**.  
Quem precisar corra lá, embora o céu deite uns pingos; **ECONOMICAS** fará as suas compras, verá, na **TRAVESSA — S. DOMINGOS**.

**Nestlé**  
**Farinha Lactea**

**O GRANDE ELIAS**  
Um volume, luxuosamente encadernado em percalina, com titulos a ouro, contendo as duas primeiras séries d'este semanario  
**PREÇO 1\$000 RÉIS**  
*Está ja á venda em todas as livrarias*

**Retratos contidos no volume**  
Taborda, Virginia, Furtado Coelho, João Rosa, Rosa Damasceno, Eduardo Brazão, Barbara Volckart, Antonio Pedro, Augusto Rosa, Cesar Porto, dr. Manuel da Silva Gayo, Pedroso Rodrigues, Angela Pinto, Ferreira da Silva, Lucinda Simões, Valle, Adelina Abranches, Queiroz, Palmyra Bastos, Lucilia Simões, Visconde de S. Luiz Braga, Thereza Mattos, Joaquim de Almeida, Eduardo Schwalbach, Beatriz Rente, actor Simões, Marcellino Franco, Delina Victor, actor Cardoso, José Carlos dos Santos, Adelaide Coutinho, Augusto Cesar de Almeida, Emilia das Neves, actor Mattos, Maria Falcão, João Gil, Silva Pereira, Amelia Pereira, João Anastacio Rosa e Francisco Costa.